

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Alice dos Anjos Fontinha**

registada em 2008-09-25  
por

Susana Pires e Jenny Campos



## Alice dos Anjos Fontinha

Alice dos Anjos Fontinha nasceu em Chãs d'Égua, na Covita, a 23 de Maio de 1948. O pai era António Paulo Fontinha. Ele era pedreiro nas Minas da Panasqueira. A mãe era Maria dos Anjos e era empregada doméstica, trabalhava na agricultura. Alice foi a mais nova de oito irmãos. Com 7 anos entrou para a escola e tinha 12 anos quando saiu. Foi até a quarta classe. Depois da escola ficou a trabalhar em casa. “Cultivava batatas, o milho, o feijão, as coisas todas que era preciso” e tratava dos animais.

# Índice

Identificação Alice dos Anjos.....	4
Ascendência António Paulo Fontinha e Maria dos Anjos.....	4
Casa Dormir com a avó era à vez.....	5
Infância Não faltou comida.....	6
Religião Tempos bons.....	7
Educação Quarta classe com exame e sem dificuldades.....	7
Costumes Outros tempos na Covita.....	10
Percurso profissional "Devia ter ido embora".....	15
Lugar "Os melhoramentos são sempre bem-vindos".....	16
Sonhos Modista ou cabeleireira.....	19
Avaliação "Uma coisa boa".....	19

## **Identificação *Alice dos Anjos***

O meu nome é Alice dos Anjos Fontinha. Nasci em Chãs d'Égua, na Covita, a 23 de Maio de 1948.



**Alice Fontinha (2007)**

## **Ascendência *António Paulo Fontinha e Maria dos Anjos***

O meu pai era António Paulo Fontinha. Ele era pedreiro nas Minas da Panasqueira. A minha mãe era Maria dos Anjos e era empregada doméstica.

O meu pai trabalhava nas Minas da Panasqueira. Era uma coisa muito horrível. Deslocar-se da Covita para tão longe. Quantas vezes chegava a casa, já descalço porque não podia aguentar o calçado. O calçado antigamente era diferente de agora. O meu pai vinha ao fim-de-semana, ao sábado e ia embora ao domingo. Levava qualquer coisa que cá tivéssemos. Pão de milho, queijo, carne, feijão verde, hortaliça, levava o que se arranjava. Na altura era o que havia. Ao domingo à tarde, levávamos à serra as coisas dele, que era para aliviar mais, para não ir tão carregado até às minas. Era assim.

Eu fui às Minas da Panasqueira uma única vez porque eu era a mais nova dos irmãos. Era pequena, por isso eram as minhas irmãs que lá iam. Quando lá fui vi

onde ele dormia. Ia lá lavar a roupa da cama. A outra roupa trazia e levava depois. Trazia uma e para a outra semana levava a outra. E a roupa da cama, a gente ia lá lavá-la, para a ribeira. Ficávamos de um dia para o outro. Normalmente ia a minha mãe mais a minha irmã. Mas eu gostava de lá ir. Lavavam a roupa e eu como ainda era miúda, andava na escola, pedia à senhora professora para me dispensar para ir com elas. Eu andava lá na brincadeira na ribeira e elas estavam a lavar a roupa.

Aquilo era um bocado complicado. O meu pai aleijou-se, fracturou sete costelas. Esteve nove meses internado, no Hospital da Barroca Grande. Iam lá visitá-lo mas era muito longe. Iam a pé. Tinham de ir de noite e chegar aqui de noite. Eu nem lá fui, que eu era pequenita. Era muito tempo. Eu sei lá quantas horas é que levava. Descia a serra de cima, de Chãs d'Égua, passava-se aí, ultrapassavam para a outra parte. Desciam aquela encosta toda direitos à ribeira, subiam outra vez para cima e estavam na Panasqueira. Sei lá, umas duas ou três horas de caminho.

A minha mãe trabalhava na agricultura e a minha avó é que tratava de nós. A minha avó estava mais em casa, então era ela que tratava do comer e que reparava por nós. A minha mãe andava mais por fora, a trabalhar no campo. Cultivava milho, batatas, feijão, alface, pimentos, cebolas, alhos, tudo da casa, muitas coisas. Porque não havia onde comprar as coisas como agora. Não havia estrada, não havia nada. Muitas coisas agora aqui não se cultivam porque a gente sai e traz as coisas. É diferente.

### **A partir de quatro é demais**

Nós éramos oito irmãos. Eu não me lembro de eles nascerem porque eu fui a última. Nascemos todos na casa onde vivo. Todos no mesmo quarto e correu tudo bem. O meu irmão mais velho conta que quando eu nasci disse o meu pai: - "Esta já veio a mais."

E é verdade. Eu já vim a mais. A partir de quatro já foi demais. Podiam ter parado, mas como não havia televisão naquela altura, pronto. Mas nós em casa ajudávamos a minha mãe, e quando não ajudávamos ao menos chateávamos a cabeça. Tínhamos gado, cabras, ovelhas, vacas. Fazíamos muito queijo. Eu gostava muito de fazer queijos. Era praticamente só eu que tratava disso.

### ***Casa Dormir com a avó era à vez***

A casa onde nasci foi recuperada ainda há pouco. Tem a sala, igual ao que era antigamente. Mas antes parecia-me o dobro. Eu dormia num quarto e

os meus pais dormiam na parte de baixo, onde a gente nascêramos todos. Os outros dois quartos também em baixo, são dos meus irmãos. E depois, a gente lá se "arremediámos" todos. A cozinha era pequena, tínhamos mais um quarto pequeno e uma sala. Agora juntáramos isto tudo, parece que nem metade é. Ainda dormiam alguns noutra quarto, dois irmãos. Havia era um problema: eu e as minhas irmãs todas queríamos dormir com a minha avó. Às vezes era à vez. Gostávamos dela. Era a nossa segunda mãe. Estávamos habituados com ela. A cozinha, naquela altura não tinha fogão. Havia umas máquinas a petróleo. Depois então é que vieram os fogões. Ainda me lembro do meu primeiro fogão. Foram buscar a Chãs d'Égua, na estrada que vinha pela serra. Até aí cozinhava-se na lareira, em panelas de ferro.

## **Infância Não faltou comida**

Era a minha avó que cozinhava, mas eu também comecei a fazer o comer muito cedo. A minha avó não podia, a minha mãe também tinha problemas, então eu comecei a cozinhar. A minha avó fazia muito feijão com arroz. Parece-me que ainda me está a saber aquele arroz. Se eu agora fizer não é tão saboroso. Ou era o apetite ou não sei. Aquele feijão com arroz... Ai era tão bom aquele feijão com carne.

Por ano, matávamos sempre dois, três porcos, depois salgava-se aquela carne porque não havia frigorífico, não havia luz. E lá se remediava, fazia-se o enchido. A minha avó arranjava lombo de porco, salgava e depois fritava. Punha numa panela com azeite, em panelas vidradas. Mais tarde já era uma panela muito grande em esmalte. Ela punha ali e depois quando era preciso tirava, e passava na frigideira. Ai aquilo era um petisco. Ainda hei-de fazer assim. Agora não é preciso, mas ainda hei-de fazer assim. A curtir uns dias que é para depois comer. Aquilo é um petisco. E é bom.

## **Amiga de dar**

*Havia pessoas que diziam, e dizem ainda hoje, que passaram muita fome. Eu, Graças a Deus, boa hora o digo que nunca passei fome. Éramos muitos, mas nunca passámos fome. Cultivávamos muita terra, e tínhamos alguma coisa que o meu pai ganhava. Eu quando mais a minha prima, que tem em Côja o Restaurante Varandas do Alva, às vezes íamos às pinhas, dos pinheiros. Íamos as duas e eu chamava-a à tarde, para o lanche e dizia para a minha avó:*

*- Eu levo mais um bocado de pão e queijo.*

*E diz a minha avó:*

- "Mas depois tu não comes tudo."

*Mas não era tudo para mim. Era para dar à minha prima. Depois comíamos lá as duas. São coisas que nunca esquecem. Eu era muito amiga de dar. Ainda hoje.*

### **Beliscos na hora do terço**

Eu e os meus irmãos brincávamos muito. Empurrávamo-nos uns aos outros e fazíamos beliscos. Era uma família muito unida. E à noite, depois de jantar a minha avó passava sempre o terço. Depois eu e os meus irmãos, debaixo da mesa, enquanto estavam a rezar, andávamos a fazer beliscos uns aos outros. A minha avó pegava na colher de pau para nos dar. Começavam-se a rir. Isso foi quando a minha avó rezava o terço. Depois era eu que passava o terço. Outras vezes andávamos ao feijão. Íamos para um sítio onde há umas oliveiras, fazíamos umas poças, empurrávamos e quem caísse lá na poça é que ganhava o feijão. Eram as nossas brincadeiras.

### **Religião *Tempos bons***

Andei na doutrina no Piódão. Ia a pé. Que remédio. Não havia estrada. Não me lembro bem do dia, mas devia ser ao sábado ou ao domingo porque durante a semana a gente andava na escola. Passavam-se lá tempos bons. Quando a gente não aprendia em condições batiam. Mas a mim nunca. Tínhamos de decorar muita coisa. Eu gostava de ir.

### **Educação *Quarta classe com exame e sem dificuldades***

#### **"Tudo encaixado na cabeça"**

Eu tinha 7 anos quando entrei para a escola. Primeiro era mais tarde que se entrava. E tinha 12 anos quando saí. Eu andei um ano na escola velha, em Malhada, onde agora há as figuras rupestres. Depois deitaram aquela escola velha abaixo e fizeram outra em baixo. É onde é hoje. Fui até a quarta classe. Fui fazer a Arganil. Só que o meu pai queria que eu fosse para Coimbra, porque a minha

madrinha de Crisma era de Coimbra. Ela queria que eu lá fosse que depois eu ficava em casa dela. Mas o meu pai também não tinha possibilidades para pagar.

De todos os irmãos a única que sabe mais sou eu. A minha irmã, a mais velha, essa nunca foi à escola. A primeira vez que ela entrou na escola foi para matricular o filho, em Lisboa. A minha irmã do meio, a Maria, essa andou quatro anos na escola. Depois estavam a fazer a casa e ela ficou na quinta para ajudar. Ela dava serventia aos pedreiros.

Eu para aprender era uma máquina. Tive quatro professoras, e nenhuma me bateu. Ainda hoje os meus colegas que chegam ao pé de mim dizem-me sempre que queriam copiar por mim, mas a professora mudou-me de lugar para eles não copiarem. O meu pai dizia assim em casa quando vinha da Panasqueira:

- "Ó Alice então tu não és capaz de pegar num livro, não fazes os trabalhos que trazes para casa, não pegas num livro."

Eu dizia assim:

- Ah não é preciso.

Ele dizia:

- "Deixa lá que depois hás-de passar. Hás-de passar daqui para a escola."

Eu dizia assim:

- Ah depois logo se vê.

Não havia lá nenhum que aprendesse tão bem como eu. Se a professora explicasse as coisas lá na escola ficava logo encaixado de uma maneira. Eu sabia a História de ponta a ponta, tudo, tudo, tudo. Começava e acabava o que me procurassem. Tinha cá uma cabeça. Ainda hoje, números de telefone, tenho ali uma agenda, mas não é preciso. Tenho tudo encaixado cá na cabeça. Dizia às vezes a minha irmã, quando cá vem de Lisboa:

- "Quem me dera a mim ter assim uma cabeça, uma memória."

A professora chegou a vir à quinta, quando eu andava na terceira classe. Mas depois tive sarampo. Quase todos tínhamos naquela altura. Eu estive um mês sem ir à escola. E a professora veio cá falar com o meu pai. Antes de ele ir para a Panasqueira, num domingo. Que era para me propor fazer a terceira e a quarta classe. Ela disse que eu andava na terceira, mas que sabia mais do que aqueles que estavam a fazer a quarta. Estava-me a ensinar as coisas da terceira classe, mas eu estava a fixar o que ela estava a ensinar aos da quarta. Ela muitas vezes procurava-me a mim o que ela estava a ensinar aos outros, eu muita vez, já não respondia para que ela não lhes batesse. Eu sabia, mas:

- Ah eu estava a fazer as minhas coisas.

Tínhamos aulas todos juntos. Primeira, segunda, terceira e quarta classe. Éramos umas 40 e tal, perto de 50 crianças. Éramos muitos. E era só uma professora para todos.



**Alice com os amigos da escola. (3ª fila, 2ª da dta. p/ a esq.)**

### **Batatas fritas e ovos para a merenda**

Eu tinha de estar às nove horas lá em cima na escola, mas eu ainda ia ao mato primeiro. Às vezes diziam assim:

- "Ah é para dar aos coelhos!"

A minha mãe tirava o avental e atava o mato no avental e eu trazia. Vinha embora, chegava a casa e dizia a minha avó:

- "Ai que tu só agora vens e os de Foz d'Égua há muito tempo que passaram."

Dizia eu assim:

- Ah eu se calhar ainda chego antes que eles.

E chegava porque eles iam devagar e eu já com aquela coisa ia à pressa. E era mais difícil. Não havia estrada. Sempre pelos caminhos, a chover. Eu chegava lá sempre a tempo. Levava para aí uma hora ou mais, e bem afiada. Nesses dias, quando ia ao mato, a minha avó já tinha o café numa tigela. Mas eram tigelas grandes. Tinha um pão já na tigela com o café para eu comer mais depressa. E já tinha a merenda arranjada. O que levava mais era batatas fritas, às rodelas muito fininhas. No fim das batatas estarem quase fritas, às vezes um bocadinho de lombo e ela lá batia dois ovos mexidos. Quando as batatas estavam fritas punha por cima, mexia aquilo tudo, era um petisco. Ainda hei-de cá fazer. Já disse para os meus. Mas é com azeite, que era à antiga. Agora é tudo com óleo, mas tem de ser com azeite, que antigamente não havia óleo. Com a pressa, às

vezes esquecia-me a merenda. Um dia, voltei para trás, mas já a minha mãe ia pelo caminho para me levar, que eu ia depressa. São coisas que nunca esquecem e se for preciso o que fiz ontem já não me lembro.

### **Era uma máquina**

Fui fazer o exame da quarta classe a Arganil. Foram dois dias. Era uma prova escrita e uma prova oral. Foi o meu pai comigo. Veio da Panasqueira para ir com a donzela. Fui a pé para a Vide. Depois em Côja no café onde agora é a farmácia, estava lá um senhor que soube que eu ia para fazer exame. Estava lá a tirar de mim coisas de História. E eu não queria responder. Diz-me a professora que também foi:

- "Então responde tu sabes, por que é que não respondes?"

Eu respondi. Mais do que uma coisa. Diz ela assim para o senhor:

- "Não vale a pena estar a procurar História. Se quiser saber História de ponta a ponta pode ficar aí com ela. Que ela diz-lhe tudo de ponta a ponta."

No exame, na prova escrita, para mim não houve problema, mas depois apareceu-me lá um ditado muito difícil e diz a professora para o meu pai cá fora:

- "Não sei, mas de certeza que ela vai ficar mal porque o ditado é um bocado complicado."

Foi só uma falta de acento que eu tive. Vá lá. Passei, mas de que maneira!

Na prova oral, éramos chamados ao quadro e mandavam-nos fazer contas, mandavam fazer coisas. Perguntavam História e tudo. Lá passei. Diz-me a professora:

- "Parece que ainda não estavam as perguntas feitas e já estavam as respostas dadas."

Ai eu era uma máquina!

### **Costumes *Outros tempos na Covita***

#### **"Era uma brincadeira"**

Nas matanças a gente ia às carquejas. Não havia os maçaricos como há agora. Íamos às carquejas, e púnhamos a secar. Era para chamuscar os porcos. Acendiam as carquejas, queimavam, depois raspavam para ficar tudo limpinho, bem lavadinho. Chamava-se aí uns homens mais ou menos, que já eram muito

grandes. O meu pai é que matava, é que era sangrador. Depois a gente amparava o sangue e cozia.

No dia da matança dos porcos juntávamos os da quinta todos. Os meus vizinhos vinham a minha casa e nós íamos a casa deles. Era uma festa. Era uma brincadeira.

### **Azeite e tibornas**

Para fazer azeite primeiro apanha-se a azeitona, vai-se levar ao lagar, depois faz-se o azeite. O lagar da Foz d'Égua já não trabalha já há anos. Agora vamos moer o azeite ali à Bobadela. Fica longe. Na Foz d'Égua levava a azeitona com caroço, ia tudo. Levei lá muito saco com azeitona. Depois ia para o pio. Fazia a galga, tocada a água, e moía. Do pio tirava a massa, e ia para as seiras. Metiam aquela madeira de cima, depois apertavam com o peso. Andavam com o peso em volta, apertavam e depois tinha o azeite. Quanto mais apertavam mais saíam para as tarefas, que é para onde vai o azeite. Tinha duas calhas, era para duas tarefas. Quando era para um dono ia para aquela, quando ia para outro dono, tapavam aqui e vinha para esta. Quando era para o mesmo dono era igual, tinha duas tarefas. Enquanto um estava a assentar estava o outro a moer. No fim de estar preparado, é que mediam o azeite para a gente trazer. Aquilo era giro.

Vi fazer muitas tibornas. A tiborna eram batatas assadas na cinza. Ah que batatas tão maciinhas, com bacalhau assado. Outras vezes era hortaliça cozida com batatas e bacalhau. A gente desfiava o bacalhau. Tirava-lhes as espinhas. Depois no fim de estar tudo desfiado, juntava a batata bem cozida e hortaliça. Mexia-se tudo. A batata toda esmigalhada, e punha-se a ferver só com azeite. Aquilo é muito bom e enfarta muito.

### **A primeira vez foi a melhor**

Em minha casa fazíamos pão. Tínhamos dias de comer quatro a cinco broas. Coziam-se 20 e tal broas. Mas é que não se podiam cozer demais porque depois também se estragavam e não tínhamos onde meter as coisas. Se fosse como agora, têm frigoríficos, têm arcas, têm tudo. Éramos muitos e tínhamos muito queijo e comia-se muito pão.

Tínhamos um forno. A primeira vez que amassei o pão foi quando ficou melhor. A partir daí não ficou tão bom. Eu estava com aquele receio. Foi quando ele ficou melhor. Amassava o pão, estando a massa pronta, tinha de se pôr a levdar. A gente tendia com umas tigelas próprias para tender o pão. E era outro

a metê-lo para o forno, com uma pá. Aquecia o forno primeiro, estando quente ia para o forno.

### **"Adorava fazer os queijos"**

O queijo era assim: a gente ia tirar o leite ao gado, depois coava o leite por um pano. Era leite de ovelha e cabra, misturado, que fica o queijo muito melhor. Depois estava ali, botava-se um bocadinho de coalho em pó. Coalho em pó, que se comprava na farmácia, que é para fermentar, para coalhar o leite. Ou cardo. Também podia ser cardo. O cardo era uma planta. Ia-se cortando, ia crescendo, secava-se, e depois coalhava. Mas o outro, o coalho em pó era diferente. Coalhava melhor. A gente metia a panela num alguidar de água quente. No fim de estar coalhado, a gente fazia o queijo. Ai eu gostava tanto, adorava fazer os queijos.

### **O médico a cavalo**

Quando ficávamos doentes havia um senhor no Piódão, que até era meu primo, que a gente chamava. Ele sabia tanto como um médico. A gente ia à farmácia, outras vezes era com ervas e passava. Outras vezes, vinha cá o senhor doutor Vasco, que era da Ponte das Três Entradas. Vinha a cavalo, num macho. Ai meu Deus. E da Vide também, não havia estrada. Tinham que lá ir chamá-lo. Não havia telefone. E depois tínhamos de ir buscar os medicamentos a Avô, que na vizinhança não havia farmácia.

Também se curavam as doenças com ervas. Havia muitas qualidades. Era a grama, era o malvaíscio, quando uma pessoa estava à rasca da garganta. Era para bochechar a boca. Eram chás, píncaros das cerejas pretas. A gente tirava a cereja e ficava aquele bocadinho, onde está a cereja. Era disso, de cerejas pretas. Eu já me lembro que andava na escola, apanhava-as no caminho para trazer. Púnhamos a secar para quando era preciso. E barba de milho para a bexiga, raízes dos morangos quando uma pessoa andava aflita de uma infecção urinária, agora são os antibióticos. Nessa altura era diferente. E curavam-se.

### **Festa, dia de comer bem**

Eu nunca fui assim muito amiga de festas. Ia às vezes ao Piódão, à festa da Senhora da Conceição, que tinha lá o meu avô, da parte do meu pai. E ia, às vezes, a Chãs d'Égua, à festa do São João Baptista, mais nenhuma. Não ia assim

às festas. Mas a gente estava à espera da festa porque só praticamente nessa altura é que se fazia a chanfana e as filhoses. A minha avó fazia cinco quilos de arroz-doce e a maior parte era para ir fora. Cinco quilos só para a casa. E eu às vezes pensava assim:

- Então valia mais fazer um quilo ou dois. Depois acabando-se fazia-se mais.

Ela dizia-me assim:

- "Comi o arroz que eu depois dou-vos um brinde."

Mas nunca aparecia. Nem sei o que era. A gente já estava enjoada.

Também tínhamos sempre muito gado. Então matava-se uma cabra, uma ovelha ou um carneiro quando era para a festa. Mas agora a gente come dessa carne quando lhe apetece. É diferente. A chanfana temperávamos, púnhamos numas caçarolas e depois metíamos no forno. Era uma carne muito saborosa. O tempero era feito com vinho branco, alho picado, cebola, salsa, e o serpão. É que eram os temperos. Azeite, bastante azeite. Colorau. Ficava bom. Ficava muito saborosa aquela carne no forno.

De doces tínhamos a tigelada. A tigelada são ovos e leite. Eu, às vezes, para ficarem mais saborosas punha-lhes um bocadinho de canela. Quando era tudo a mexer. Fica mais escura mas fica mais saborosa. A tigelada era feita no forno. E às vezes também fazia no fogão. Conforme. Mas era bom. Tinha o pão-de-ló. Bolos caseiros, também. Daqueles que a gente fazia no forno. Fazia-se muita coisa antigamente. Fazia-se melhor do que agora. A gente agora nas festas nem lembro.

Vinha a música. Vinham a pé. Coitados, agora vêm de carro, mas vinham a pé. Eram melhores as festas do que agora. Naquela altura, a malta toda dançava. Não havia conjuntos como agora. Eram os bailes. Faziam os bailes com as concertinas. A cantar e a andar ao desafio uns com os outros. Faziam um grande baile quando era pelas festas e agora vêm conjuntos e se for preciso quase ninguém dança.

## **Filhoses quentinhas**

O Natal era a altura das filhoses também. Filhoses com fatura e com mel. Quentinhas, quando saem do óleo pôr o mel em cima... Então no Inverno é que sabia bem aquelas filhoses quentinhas com mel. Era uns a fazer e outros a comer. Agora é peru, é cabritos. Mas antigamente era diferente. Era uns dias diferentes. Fosse lá o que fosse lá se arranjava para se comer alguma coisa diferente. As pessoas juntavam-se na véspera do Natal. Em qualquer lado faziam uma fogueira. Havia muita gente. E, nessa altura, não havia dinheiro para prendas. Agora é prendas e mais prendas. Naquela altura era pouco ou nada. Quando

o meu pai vinha da Panasqueira trazia um dinheiro amarelinho. Chamavam os tostões. Às vezes dava-nos algum, até "relumbrava". E dizia assim:

- "Este como foi agora acabado de fazer..."

E dava-me aquele dinheiro, de miúda. E ia fazendo o meu mealheiro. O dinheiro era tão bonito que até "relumbrava". Aquilo tinha sido acabado de fazer. O meu pai, à noite, quando ele cá estava da Panasqueira, sentava-se, numa tábua e os outros sentavam-se nos bancos em volta da lareira. E dizia ele assim:

- "Anda para aqui para o meu colo ou sentas-te aqui num banco ao pé de mim."

Eu punha um banco pequeno entre as pernas dele e sentava-me. Ele gostava muito de passar as mãos pelo meu cabelo. Eu tinha um cabelo muito comprido. Ele a passar as mãos pelo cabelo... Quando ele vinha da Panasqueira ia logo esperá-lo. Eram as saudades. Mas já tudo acabou, infelizmente.

## **Folar da Páscoa**

A Páscoa era alegre. Vinham dar as boas-festas pelas casas. Ainda hoje a tradição não acabou. Vão dar as boas-festas no Domingo de Páscoa pelas casas, durante a tarde. A gente põe o folar. Primeiro púnhamos umas coisas que tivéssemos em casa. Agora é dinheiro. É mais simples.

## **Castanhas assadas e cozidas**

No dia dos Santos juntavam-se as pessoas e fazia-se um magusto. Cada um levava castanhas. Era a malta toda em convívio, mas agora tudo acabou. Não há pessoal, já não se pode fazer isso. Nessa altura havia muita castanha. Dava para cozer e para assar. As castanhas eram secas nas lareiras, fazia muito fumo, depois eram cozidas e dava para mais tarde. Agora já não querem as casas estragadas. Já não secam as castanhas. Mas aquelas castanhas depois de secas são muito boas. É como as que há a vender. Embaladas até. Eram dessas assim.

## **Cruz à porta e sete paus na fogueira**

No Domingo de Ramos vão com o ramo para a igreja, para o benzer. Primeiro tínhamos missa em Chãs d'Égua. Agora não. Não há padres. Tem de a gente ir ao Piódão. As cruzes que se vêem nas portas das casas são postas no dia 3 de Maio, dia de Santa Cruz. Ainda este ano o meu irmão as fez. E eu andei a meter na terra nova. É a tradição antiga. É para Deus abençoar os terrenos, a

agricultura. Sempre me lembro de miúda fazerem isso. E para afastar a trovoada são paus de Natal. Ainda costumo guardar. Quando chega o Natal arranjo sempre sete paus de oliveira para pôr na fogueira. Depois se vier trovoada costumo pôr na fogueira, se for trovoada muito forte. A minha avó contava que uma vez veio uma trovoada que levou tudo. Aquilo que apanhou pela frente levou. Como a senhora tinha sete paus do Natal na fogueira, não aconteceu nada ao casal. Se foi verdade ou mentira não sei. Era o que contavam antigamente. Por isso é que eu comecei a guardá-los.

### **Histórias do tempo da avó**

A minha avó sabia muitos contos. Falavam-se em lobisomens. Contavam que havia pessoas que andavam a regar de noite. Que até escondiam as luzes, para não os verem passar. Eu não sei. Eu até me assustava quando falavam nisso. Parece que fizeram as almas ao pé da represa, a seguir ao moinho, em Foz d'Égua por causa disso, dos lobisomens de Côja. Era entre os caminhos, que era para afastar os que passavam.

Também ouvia falar do João Brandão. Que também não era nada bom. Acho que o João Brandão pertencia a Midões, para os lados de Tábua. Parece-me a mim. Ouvia contar os antigos. Também havia um Oliveirão. Acho que foi esse que depois o mataram. Acho que uma vez a irmã desse, estava a encher chouriças e que disse para a irmã:

- "Destas poucas comerás!"

Que era para ele. Não as comia ela. E ela:

- "Tu é que hás-de comer poucas."

Porque já sabia que o queriam matar. E assim foi. Ele disse aquilo para a irmã. Então ele não era boa pessoa.

### **Percurso profissional "*Devia ter ido embora*"**

Depois da escola fiquei a trabalhar em casa. Aquilo que não devia ter feito. Que me devia ter ido embora, porque eu naquela altura com a quarta classe já me empregava num sítio bom. Nem toda a gente tinha a quarta classe. Mas fui ficando na quinta. A minha avó depois já não podia. A minha mãe também não. E eu fiquei. Estavam doentes e eu não estou arrependida de tratar delas. Então fazia tudo o que era preciso. Cultivava batatas, o milho, o feijão, as coisas todas que era preciso. Tratava dos animais, tínhamos galinhas, tínhamos coelhos. Tínhamos tudo. Nunca saí daqui. Só em 1985 é que estive em Lisboa seis meses na casa

da minha irmã quando a minha mãe esteve doente, depois ela faleceu, no dia 1 de Outubro.



**Alice Fontinha**

**Lugar *"Os melhoramentos são sempre bem-vindos"***

***"Trabalhos à luz do candeeiro"***

Antigamente não tínhamos telefone, não tínhamos luz e não tínhamos estrada. Era muito complicado. Quando eu chegava da escola não podia fazer os meus trabalhos de casa porque eu tinha de ir guardar o gado. Os outros ficavam, às vezes, na brincadeira no caminho e eu tinha que vir embora para tratar do gado. Por isso fazia os meus trabalhos à noite, com um candeeiro a petróleo.

## **Vestidos no Inverno**

Primeiro, quando era um Inverno a sério era complicado. Era pior do que agora. Tinha mais neve. Porque agora até é raríssimo chegar a neve. Antigamente passavam-se semanas que eu não podia ir à escola. Não se conheciam os caminhos. A gente não podia ir. Agora é diferente. Vem pouca neve. O tempo já está diferente e as pessoas também já são todas diferentes. Não tínhamos roupa como agora. Agora são calças quentinhas para o Inverno, são casacos. Antigamente não. Eu lembro-me sempre. Eram vestidos que a minha mãe comprava o pano e mandava fazer. Nos pés era calçado de qualquer maneira. Naquela altura, a gente chegava molhada à escola e estávamos ali todo o dia molhados. Às vezes, uma pessoa saía da escola e vinha para casa a chover. E, às vezes, debaixo de trovoada. Eu tinha muito medo da trovoada. Era complicado e de que maneira.



**Alice Fontinha, com 37 anos**

## **Se não gostasse tinha ido embora**

Eu gosto de viver na Covita porque se eu não gostasse há dez anos que podia estar a viver num andar que tenho em Arganil. Mas vou lá e venho logo embora. Na Covita é tudo bom. São os ares, as pessoas também. São muito boas. Dão-se bem umas com as outras. Agora os únicos vizinhos que tenho são os meus irmãos. Mas quando havia mais, dávamo-nos sempre muito bem. Nunca cá tivemos nada uns com os outros. Havia cá tantas pessoas e sempre nos déramos muito bem. Era quase uma família só. Só isso era bom.

## **Uma estrada para a Covita**

Uma coisa que eu gostava de ver melhorado é vir um ramal da estrada para a Covita. Ele já cá podia estar, mas dois vizinhos da quinta não querem. Se fosse passar no que é meu, podia passar fosse onde fosse que eu não queria saber de terra. Não há-de faltar terra para me enterrar. Porque ficava com as coisas mais próximas. Assim já vinha o padeiro, já vinham as coisas, traziam-me tudo. Era mais próximo de casa. Fazia como fizeram nas outras terras. Aqui uma máquina num dia fazia isto para aqui. A gente que ir para um lado qualquer. Vou de táxi. A gente estava em casa até o táxi chegar. Assim tenho de ir até a estrada. Ou até vinha o padeiro. Mas dois vizinhos mais o meu cunhado não querem que ela passe. Quando andou o fogo eu fui-me pôr à frente para não passar no que é deles. Agora não querem que passe a estrada. Assim não temos pão, temos de ir à estrada, na hora que ele passa. Estava a gente em casa e vinha o padeiro. Isso é que faz falta. Os melhoramentos, seja que melhoramento for é sempre bem-vindo.

## **"Fogo por todo o lado"**

No último incêndio que veio tinha eu sido operada há pouco tempo. Levaram-nos para Côja, tive de dormir no chão. Andou o fogo em volta das casas. Quando cheguei andava na casa da minha vizinha. O que eu passei no rescaldo, não havia ninguém, não havia bombeiros. O que eu passei toda a noite. E para livrar a casa dos meus vizinhos de cima. Andava com água mas depois também não havia. Queimaram-se os tubos. Só água dentro da barroca. Foi o que ainda nos safou mas deixava pouco. Vi-me aflita naquela altura. Não sabia por onde me havia de virar. Era fogo por todo o lado.

## **Sonhos *Modista ou cabeleireira***

Agora já não sonhos. Aquilo que eu queria fazer quando era mais nova, quando saí da escola, gostava de fazer duas coisas, tinha de ser só uma. Ou gostava de ser modista ou cabeleireira. Que ainda hoje tenho jeito para a costura. Eu gostava e também dava dinheiro. É que dava. O meu pai é que cortava o cabelo às pessoas da quinta. Mas nunca levava dinheiro a ninguém. Era de graça e eu tinha de ser com papel. Mas eram duas coisas que eu gostava. O meu pai queria que eu fosse estudar para professora. Para professora não. Nem pensar. Deus me livre. Andar com a casa às costas de um lado para o outro. Ser professora é chato.

## **Avaliação "*Uma coisa boa*"**

Este projecto é uma coisa boa. Acho que sim. Fazem muito bem. Para ver mais ou menos o que foi o passado. Está tudo mais moderno e as coisas estão diferentes e podem aprender de outra maneira.